

AVISOS AGRÍCOLAS

ESTAÇÃO DE AVISOS DA TERRA QUENTE

OLIVEIRA

(*Olea europaea*)

A oliveira é a árvore mais característica da paisagem da nossa Região, bem como de toda a Bacia do Mediterrâneo, é também uma das culturas de maior importância económica, ecológica e social. Esta cultura que é originária do Norte de África e Médio Oriente, é nos países do Sul da União Europeia que ela tem maiores regiões produtoras, com cerca de 80% da totalidade do azeite, em diferentes regiões com características bem definidas, e exploradas das mais diversas formas, em termos de relevo, dimensão, amanhos culturais, variedades, formas de condução, etc. Atravessam uma fase de grandes alterações climáticas, (aumento de temperatura) e radiações solares e diminuição de precipitação) em que as práticas culturais de manutenção de solo e os condicionadores de solo, vão contribuir muito para o sequestro de carbono e a mitigação dos gases de efeito de estufa.

Assim as más práticas culturais e a continuidade da aplicação de agroquímicos, vai levar-nos a desequilíbrios fisiológicos das plantas, em que os seus efeitos indesejáveis da saúde pública e do ambiente, contrariam a floração, vingamento dos frutos e consequentemente a produção vai ficar comprometida, havendo uma diminuição do produto final e assim ao abandono da produção.

Para podermos contribuir para a uniformidade do equilíbrio morfológico e fisiológico, existem vários fatores internos e externos que levam à diminuição da alternância, sem comprometer o ambiente, um deles é a poda racional de frutificação executada agora no repouso vegetativo das árvores, em que as fortes geadas já passaram e a danificação da planta é menor. A oliveira produz sem ser podada, pois existem exemplares em matas Nacionais, e outras que nunca foram intervencionadas. Mas esta prática cultural

serve para conduzir a árvore para a colheita mecânica, dado que é muito onerosa, regular a produção média para não haver grandes variações da produção e ainda para minimizar o ataque de pragas e doenças e permitir a penetração de tratamentos.

Sempre que possível as podas devem ser executadas do solo com equipamento adequado, reduzindo os custos e o esforço físico dos operadores.

Devem iniciar-se pelas árvores sãs, os cortes devem ser lisos e inclinados para impedir que a água das chuvas não fique depositada, evitando pragas e doenças. A desinfeção do equipamento quando mudamos de árvore, com uma mistura de duas partes de água e uma de lixívia, em cortes mais vigorosos desinfeção com uma pasta cúprica (250g de oxicloreto de cobre em 3 l de água). No final desta prática devemos efetuar uma pulverização com oxicloreto de cobre, ou hidróxido de cobre ou ainda sulfato de cobre, evitando assim as doenças.

Olho-de-Pavão

(*Spilocaea oleagina*)



Figura 1 – Olho de Pavão

Esta doença a mais comum no olival, é também designada por muitos autores a doença chave desta espécie. Os prejuízos causados são essencialmente em anos chuvosos, que não é este o caso, mas em zonas mais húmidas e em compassos mais apertados esta doença agrava-se, é provocada pelo fungo imperfeito *Spilocaea oleagina*, o qual se desenvolve na camada subepidérmica dos tecidos infetados, onde tem ótimas condições para o seu desenvolvimento e esporulação do micélio, que depois emergem para o exterior os conidióforos, que na sua extremidade formam os conídios (esporos assexuados). Estes separam-se e multiplicam-se pela ação da chuva, deslocando-se no sentido descendente da copa da oliveira. A poda racional e fertilização equilibrada atenuam o efeito deste fungo.

Gafa

(*colletotrichum acutatum* & *gloesporoides*)

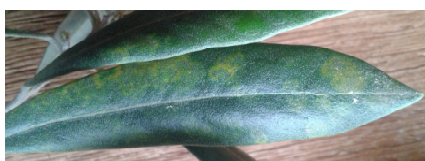


Figura 2 – Gafa na folha

Em Portugal e no sul de Espanha a espécie maioritariamente representada é o *colletotrichum acutatum*, é também a que provoca maiores e mais graves epidemias, a sua virulência manifesta-se a temperaturas de 25°C a 30°C, Este fungo penetra principalmente pelas feridas da epiderme dos tecidos. Quando dentro das azeitonas verdes ou maduras, o fungo desenvolve o seu micélio para completar o seu ciclo de vida. Para completar o seu ciclo de vida. A conservação do inóculo pode ser efetuada desde o inverno até ao Outono seguinte nas azeitonas mumificadas caídas no solo, a ingestão destes frutos por pequenos ruminantes, reduz o inóculo para o ano seguinte, bem com a poda racional e a monitorização e controlo da mosca-da-azeitona.

Tuberculose-da-Oliveira

(*Pseudomonas savastanoi*, pv *savastanoi*)



Figura 3 – Tuberculose na oliveira

Esta doença provocada por cinco 5 patovares da *P. Savastanoi* pv. *savastanoi* é uma bactéria gram-negativa que pertence à família Pseudomonadaceae, tem um metabolismo aeróbico, com forma de bastonete. Esta bactéria que em geral está presente em vários órgãos da oliveira principalmente na folhagem, penetra nos tecidos por feridas na epiderme devido a fortes geadas como este ano, vento, granizo, queda natural da folha, colheita da azeitona e ataque de insetos. Esta bactéria que pode infectar de forma sistémica a ramagem, principal fonte do inóculo que devemos controlar com a poda, e queimar a lenha para evitar que o inóculo se multiplique.

Nota: Se o olival for de regadio, o tipo de rega recomendado, é rega gota-a-gota, para evitar a humidade da ramagem e contrariar a infeção e transporte de meios de reprodução destes fungos e bactérias.

AMENDOEIRA

(*Prunus Dulcis*)

O cultivo da amendoeira com alguma tradição em Portugal e países da bacia mediterrânica, tem um ótimo desenvolvimento vegetativo e reprodutivo a temperaturas entre os 25°C e 30°C. Verões quentes e secos, a amendoeira encontra condições ecológicas para a sua expansão. O novo dinamismo por esta cultura, tem fomentado o aparecimento de novas variedades, a aquisição de conhecimentos por parte dos agricultores sobre a fileira da amendoeira, e dos agentes patogénicos que reduzem a rentabilidade desta cultura. As flores que podem estar solitárias ou geminadas com uma coloração que vai do branco ao rosa escuro, quando em botão, aguentam temperaturas negativas, mas após a sua abertura, morrem com temperaturas inferiores a 0,5°C.

Assim, devemos orientar as novas plantações com floração mais tardia, principalmente em locais virados a

norte com maior intensidade das geadas. Os compassos de plantação e a condução da árvore, dependem dos amendoais estarem em sequeiro com menor área foliar ou em regadio com maior arborescência, maior densidade da folhagem, onde as podas em verde no verão, ou de frutificação agora no repouso vegetativo, executadas anualmente para renovação dos tecidos, uma vez que esta espécie frutifica em ramalhetes de maio ou spur, ramos mistos de esporões e botões do ano e chifonda. Para a produção quantitativa ou qualitativa de acordo com os recursos de luz, água e nutrientes.

Assim, as podas devem ser executadas do solo com equipamento de cabo para evitar acidentes dos operadores e contribuir para o equilíbrio da árvore, copa/raiz, redução do número de cortes, cortes inclinados evitando a deposição da humidade, diminuindo assim a propagação da pragas e doenças, contribuir para a luminosidade e arejamento no interior da copa, tanto na condução em vaso como em eixo revestido.



Figura 4 – Cancro-da-Amendoeira

Para redução do efeito do cancro-da-amendoeira, que é provocado pelo fungo *Diaporthe amygdali*, mais conhecido por *Fusicoccus amygdali*, no caso da amendoeira, em que os sintomas são evidentes nos ramos mais jovens, no início do ciclo vegetativo, em que aparecem manchas castanho-avermelhadas de forma elítica alongada geralmente ao redor de um gomo vegetativo ou de um gomo floral, ficando estes necrosados, e

mesmo em anos chuvosos, que não é este o caso, os cancos, ficam mais volumosos e aparece a exsudação de gomose de cor clara. Durante o repouso vegetativo, os tecidos corticais infetados apresentam uma tonalidade branca-acinzentada, onde se podem observar os picnídios do fungo de tonalidade escura.

As principais causas do aparecimento dos cancos são agentes patogénicos, ações mecânicas e alterações funcionais. O seu controlo é muito difícil, uma vez que não existem fungicidas homologados, os meios disponíveis consistem na eliminação dos tecidos afetados, através da poda e queima desses ramos. Após esta operação uma aplicação com oxicloreto de cobre, hidróxido de cobre ou sulfato de cobre, contribuímos para a proteção da árvore minimizando a entrada dos parasitas.

Horas de frio

É considerado o somatório de horas de frio, quando obtemos temperaturas inferiores a 7°C.

A dormência das árvores de fruto, é um estágio fisiológico fundamental para que reponham as suas reservas de fotosassimilados:

Para que haja uma boa floração e conseqüentemente vingamento que irá levar a uma boa produção é necessário quebrar a dormência dos gomos de frutificação, que ocorre durante o final de outono início de inverno, (1 de novembro a 4 de fevereiro e mais tarde) como está a ocorrer este ano 2022, com temperaturas inferiores a 7°C, se houvesse humidade no solo, poderia ser um ano excecional de produção.

Podem existir microclimas, em que as acumulações de horas de frio podem ir até março, contribuindo para a adaptação de algumas espécies e cultivares, mais exigentes em horas de frio, a locais mais específicos.

HORAS DE FRIO

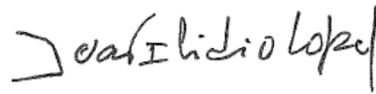
(1 de novembro de 2021 a 04 de fevereiro de 2022)

Estações Meteorológicas	2021	2022	Total
Fonte Longa/Carrazeda Ansiães	700	498	1198
Qtª Ribeira/Macedo Cavaleiros	333	34	367
Qtª Valongo/Mirandela	679	426	1105
Paradela/ Mirandela	572	448	1020
Sampaio/Vila Flor	356	422	778
Moncorvo	355	376	731
Vilar Peregrinos/Vinhais	631	439	1070
Freixo Espada à Cinta	497	446	943
Valpaços	1109	531	1640
Srª Ribeira/Carrazeda Ansiães	266	381	647

Nota: Na quinta da Ribeira só foram registados os somatórios de horas de frio (< 7°C) em novembro e os primeiros 4 dias de fevereiro, por deficiência do equipamento.

Na quinta do Valongo em Mirandela não foram registados as horas de frio (< 7°C) dos primeiros dias do mês de fevereiro, por deficiência do equipamento.

O Responsável pela Estação de Avisos da
Terra Quente



João Ilídio Lopes